



Sara Nović  
RAPARIGA  
em GUERRA

«Uma estreia arrebatadora! Sara Nović explora,  
com uma prosa terna e eloquente, o desafio de  
viver depois de termos sobrevivido.»

- O: *The Oprah Magazine*

## 7

— Ivan, *molim te*, não conduzas tão depressa. Não precisamos de lhes dar um motivo para nos mandarem encostar — disse a minha mãe a tentar tranquilizar o meu pai, pousando-lhe a mão no joelho. Com o outro braço, segurava Rahela, demasiado fraca para chorar. No horizonte, o dia ainda não despertara. Estava frio; o vidro de trás ficara preso numa posição meio aberta, e o meu pai deu-me o seu casaco para usar como se fosse um cobertor. Sempre que fazíamos uma curva mais abrupta, a mala de Rahela batia-me na canela e a minha mãe implorava-lhe que abrandasse. A certa altura, adormeci.

Quando acordei, o sol atingira o pico do meio dia e brilhava através do para-brisas raiado e já tínhamos atravessado a fronteira para a Bósnia; os sinais estavam escritos nos alfabetos cirílico e latino e a estrada contornava o sopé dos Alpes Dináricos, num movimento serpenteante. Chamávamos à estrada uma autoestrada, embora não o fosse na realidade — não daquelas que têm iluminação — e nos espaços entre os destinos mais importantes tinha apenas duas faixas.

Como nas zonas da Croácia mais distantes de Zagreb, a maior parte da Bósnia estava cheia de nada: vastas extensões de terreno rochoso, de tal modo que até a relva parecia preferir estar enraizada noutro lado. Aglomerados de casas em blocos de betão surgiam de quando em vez, mas pareciam dissolver-se contra o céu claro e brilhante, enquanto passávamos velozes. Por fim, os sinais começaram a indicar-nos distâncias para Saraievo que pareciam mais digeríveis: 75, 50, 25 quilómetros.

«*Allaaaaaahu akbar*», o *azan* teve início quando passámos por uma mesquita periférica nos limites da capital. Não tínhamos mesquitas em Zagreb, pelo menos que celebrassem cerimónias públicas, e desci o resto da janela para absorver as distorções misteriosas do chamamento do muezim. Rahela dormia, e estiquei-me sobre o apoio da cabeça do banco para observar os movimentos ascendentes e descendentes do seu peito.

Saraievo estava nervosa, a expectativa e a ansiedade eram quase palpáveis. A guerra ainda não chegara à Bósnia, e, apesar de o torpor de uma cidade à espera ser familiar, assemelhava-se mais à memória de um sonho do que a um espaço real que eu houvesse habitado. Passámos pelo centro da cidade, a curvatura das cúpulas das mesquitas e os ângulos afiados dos arranha-céus jugoslavos formavam uma linha de horizonte recortada. Ainda assim, Saraievo e os seus habitantes pareciam semelhantes, embora um pouco mais alegres, às pessoas de Zagreb. O mercado de Markale não era ainda infame; o edifício do parlamento erguia-se quadrado e imponente, embora viesse a ser o seu derramamento de sangue, não o nosso, a chamar a atenção da comunidade internacional. Fitando pelo vidro traseiro as crianças que jogavam basebol na rua, pensei nos nossos jogos de guerra e nas nossas disputas para usarmos a bicicleta que alimentava o gerador e perguntei-me se as coisas que passara a considerar comuns não seriam, afinal, assim tão normais.

A minha mãe deslizava o dedo pela folha com as direções e o meu pai manobrava pelas ruas de acordo com as suas indicações.

— É aqui! — informou ela de súbito, e o meu pai estacionou o carro no passeio de modo a deixar espaço para quem passasse na rua estreita. Reconheci o logótipo do MediMission, vermelho e cinzento e berrante, preso a um edifício de canto em betão. Apertando Rahela contra si, a minha mãe atravessou a rua sem verificar se havia trânsito.

— Tranca o carro — ordenou-me o meu pai, atirando-me as chaves e encolhendo-se para passar pela porta de pequena dimensão.

A sala de espera transmitia a sensação de outrora ter sido usada com um fim diferente, apressadamente decorada para se parecer com um gabinete médico. A alcatifa encontrava-se manchada; o forro plástico das cadeiras era duro e estava estalado. Cheirava a antisséptico e fruta podre. Ainda assim, tinha um aspeto mais oficial do que a sala de estar transformada em clínica que visitáramos na Eslovénia, e essa

formalidade tranquilizou-me. Contudo, Rahela tremia agora de febre e uma enfermeira tirou-a dos braços da minha mãe, levando-a para uma sala de exames. A Dra. Carson, com os seus insuportáveis dentes brancos e a bata médica a condizer, surgiu pouco depois e fez-nos sinal para que entrássemos.

— É bom voltar a ver-vos — cumprimentou-nos. Ninguém respondeu.

Quando chegámos à sala onde se encontrava Rahela, vimo-la presa à mesa de exames de tamanho infantil, um tubo de plástico flexível no nariz e outro num pé. O peito e a boca moviam-se como se estivesse a chorar, mas produziam apenas o mais diminuto vestígio do que parecia ser um choro desabrido. Rasguei um canto do papel que cobria a mesa de exames e amachei-o para formar uma bola.

— Muito bem, vamos virá-la — disse a enfermeira.

— O que se está a passar? — perguntou a minha mãe.

A enfermeira virou Rahela de barriga para baixo, depois voltou a prender as correias que lhe imobilizavam os braços e as pernas.

— Temos de realizar uma punção lombar para afastar a possibilidade de infeção bacteriana — informou a Dra. Carson num croata estéril, mas muito mais correto. Enfiou as luvas de látex; a longa agulha brilhou na travessa ao seu lado.

— Lombar? — perguntou a minha mãe. — Vai espetar isso na coluna dela? — mergulhou na direção de Rahela, mas o meu pai segurou-a pelo cotovelo e prendeu-a firmemente à parede, sussurrando coisas que eu não conseguia ouvir.

A minha mãe começou a gritar. Não sei porquê, mas foi-me mais fácil olhar para a agulha do que para ela. O meu pai obrigou-a a sentar-se na única cadeira da sala. Os médicos viraram de novo Rahela, deram-lhe uma injeção de analgésicos e ofereceram-lhe uma chucha. Pela primeira vez em meses, ela pareceu ficar confortável.

— Muito bem — disse a Dra. Carson, pousando a mão no ombro da minha mãe. Por um instante, vi o que me pareceu tristeza cintilar no rosto da médica, mas desapareceu depressa. — Aqui estão os formulários para o transporte da Rahela para o Hospital Infantil de Filadélfia. Têm alguns dos melhores especialistas pediátricos de insuficiência renal do mundo. Tê-la-emos num avião mal fique estável — informou e apontou para a segunda das duas pilhas de papéis sobre a bancada. — E aqui estão os formulários consentindo a entrega a uma

família de acolhimento. — O meu pai ergueu o rosto e a minha mãe baixou os olhos.

— Família de acolhimento? — perguntou o meu pai. — Dijana, de que é que ela está a falar?

A Dra. Carson chocalhou alguns trocos que tinha no bolso da bata.

— A sua esposa informou-nos de que os vossos vistos foram recusados — disse, fazendo uma pausa para permitir que o meu pai confirmasse a afirmação. Ele não o fez. — A Rahela será admitida no hospital ao chegar, ficando na unidade de cuidados intensivos — explicou. Falava agora com velocidade, usando o tom mais profissional que já a ouvíramos falar. — No entanto, depois de terminados os cuidados mais urgentes, será necessário realizar uma parte do tratamento em regime de ambulatório, durante o qual realizará diálise e exames semanais.

— Em ambulatório?

— A Rahela irá viver com uma família de acolhimento voluntária para situações de emergência, até que o programa no hospital esteja concluído. Podem ter a certeza de que todas as famílias de acolhimento são avaliadas pela MediMission para garantir a segurança...

— Pensei que vocês só a iam curar! Curar e mandar para casa! — gritou o meu pai, a veia no pescoço saliente, a latejar ao ritmo do seu coração, sinal que, por norma, indicava que eu tinha feito algo de errado e ia levar com o cinto. Encolhi-me instintivamente, mas toda a raiva e a frustração que ele estava a sentir foram concentradas numa lágrima solitária que lhe deslizou pelo rosto. Fora a única vez que o vira chorar. — Nem sequer consigo cuidar dos meus próprios filhos — disse.

A Dra. Carson tentou dirigir-lhe um sorriso de conforto, mas este pareceu enviesado.

— Está a cuidar dela. Esta é a única maneira de a Rahela ficar melhor.

— Vá-se lixar — desabafou.

— Eu espero lá fora, para que se possam despedir.

Fitei a minha irmã. Estava finalmente sossegada. Tinha os olhos vidrados e parecia embrenhada nos seus pensamentos ou muito distante, como se já tivesse atravessado o oceano. Desejei saber mais sobre ela e menos sobre os padrões da sua doença. Ela era tão pequena, estava tão atarefada a tentar sobreviver que não tivéramos a oportunidade de ser como as outras irmãs, mas as mãos dela ainda cabiam bem nas

minhas. Esperei que a sua família de acolhimento na América fosse simpática, lhe contasse histórias, a levasse para o parque e lhe cantasse.

— Vemo-nos em breve, querida — repetia a minha mãe. O meu pai pousou a mão na cabeça de Rahela, deslizou os dedos pelo seu cabelo negro que começara a encaracolar e não disse nada.

— Quando voltares, ensinar-te-ei tudo — sussurrei-lhe. — Como andar e falar e pintar e andar de bicicleta. E tudo ficará bem.

No exterior, a minha mãe soluçou tão violentamente que ficou tonta e teve de se sentar no passeio. O meu pai sentou-se ao seu lado e esfregou-lhe as costas.

— Desculpa não te ter dito mais cedo — disse a minha mãe. — Não te queria perturbar. É o melhor que podemos fazer —, quando a respiração dela estabilizou, entrámos no carro e abandonámos a cidade.

No controlo fronteiriço, um guarda corpulento verificou desinteressadamente os nossos documentos, ficando desconfiado quando se deparou com a fotografia de Rahela. Os bebés não tinham passaportes próprios, apenas páginas no passaporte da mãe.

— E a vossa filha? — perguntou.

— Ficou com a avó — mentiu o meu pai. As minhas duas avós já haviam falecido há uma década, e embora soubesse que se tratava de uma mentira destinada a simplificar, não gostava do que implicava. O guarda devolveu-nos os passaportes pela janela, e o meu pai prendeu-os com um elástico bem apertado, esticando-se sobre o colo da minha mãe para os guardar no porta-luvas. O guarda fez-nos sinal para que passássemos.

Viajámos num silêncio insuportável. Ansiava pela distração da música carregada de estática, ou mesmo por um programa de rádio. Quando pensei em Rahela a caminho da América, senti que, dentro de mim, crescia uma emoção inesperada: alívio. Depois, quando reconheci o sentimento, fui invadida por vergonha. O que havia de errado comigo? Era suposto estar triste. Obriguei-me a fechar os olhos, na esperança de lhes arrancar uma lágrima, e consegui uma ou duas antes de sentir a testa latejar com uma dor lancinante causada pela força que estava a fazer.

— Mamã, preciso de água — pedi, em parte por causa da dor de cabeça e em parte por desejar toda a atenção dos meus pais, algo inalcançável desde o nascimento de Rahela. A minha mãe suspirou e virou-se para olhar para mim, o seu rosto contorcido por uma angústia

tal que senti de imediato vontade de lhe dizer que esquecesse, que eu estava bem. Mas o meu pai, como se tivesse estado à espera de uma desculpa para parar, virou para uma bomba de gasolina degradada. Um pedaço enorme de contraplacado em forma de seta fora pregado às bombas abandonadas. ESTACIONAMENTO PARA CAMIÕES lia-se nuns gatafunhos inexperientes traçados a marcador.

Passámos por uma oficina, grafitada e sem porta, e estacionou no parque de estacionamento de um edifício com uma placa que indicava, com mais cuidado do que o primeiro sinal, RESTAURANTE. Tratava-se de uma estrutura bucólica; a madeira estava manchada de negro, mas mantinha as suas propriedades arbóreas — a curvatura imperfeita dos troncos, dos nós e das espirais das tábuas inacabadas. O parque de gravilha estava completamente vazio.

No interior, deparei-me com apenas uma divisão de tetos com vigas altas e mesas de piquenique. Aproximámo-nos do balcão e pegámos nas travessas cor de laranja e nos rolos de talheres de estanho. Não havia ementa, apenas alguns tachos fumegantes junto ao balcão. Uma mulher com um avental sujo emergiu dos fundos e fitou-nos com desconfiança.

— Como é que chegaram até aqui? — perguntou ela.

— Como assim? — quis saber o meu pai. — Não estão abertos?

— Estamos sempre cheios ao almoço. As estradas devem estar fechadas.

— Fomos de Zagreb para Saraievo e estamos de regresso. As estradas estavam livres.

— Só podem estar fechadas — insistiu a senhora, fazendo-nos sinal para que lhe entregássemos os tabuleiros. Passámos-lhe os tabuleiros e ela serviu-nos duas tigelas de sopa de feijão grossa e pedaços de pão. Junto à caixa registadora, canecas de leite azedo transpiravam, deixando marcas de água na pilha de guardanapos adjacente.

— E três desses — disse o meu pai, apontando para as bebidas.

— Não quero. É amargo — implorei.

— Faz-te bem — disse ele, levando a minha caneca no seu tabuleiro.

Em casa, era sempre a minha mãe quem cozinhava, e aquela era a primeira vez que me lembrava de comer num restaurante. Comi avidamente, ensopando o pão nos feijões, bebendo até o leite no final. A minha mãe não comeu nada.

— Achas que as estradas estão mesmo fechadas? — perguntou a minha mãe, quando regressámos ao carro.

— Passámos por elas há poucas horas — confirmou o meu pai, embora me tenha apercebido que olhou de relance para o relógio.  
— Correrá tudo bem.

---

Conduzimos durante uma hora, depois duas, passámos por sinais para Knin e Ervenik. Uma *pickup* que seguia na faixa contrária fez-nos sinais de luzes.

— Abranda. Há polícia, de certeza — recomendou a minha mãe. O meu pai travou e surgiu outro carro, este conduzindo muito mais depressa, buzinando ininterruptamente enquanto avançava. — Talvez devêssemos voltar para trás.

— Não há espaço para uma inversão de marcha — disse o meu pai, olhando em redor. Contudo, quando terminámos a curva deparámo-nos com a barricada. — Merda. *Merda*.

Endireitei-me e pousei a cabeça no encosto do lugar do condutor para ver melhor. Vislumbrei um aglomerado de homens barbudos, falando e rindo na estrada. Envergavam fardas diferentes, traziam cintos de munições a tiracolo e tinham no braço insígnias negras gravadas com uma espada e uma caveira. Havia derrubado uma árvore grande, o que impedia a passagem do nosso lado da estrada. O outro lado estava bloqueado com sacas de areia.

— Não podemos contorná-los? — perguntou a minha mãe.  
— Dizer-lhes que só queremos regressar a casa.

Dois homens separaram-se do grupo, fazendo-nos sinais.

— Merda.

— Está bem, encosta!

— O que é que se passa, mamã? — perguntei.

— Nada, querida, só vamos parar por um minuto.

— Mamã...

— Senta-te, Ana — ordenou o meu pai, abrindo uma frincha da janela, quando um dos soldados cambaleou na direção do carro. O brilho nos seus olhos era idêntico ao reflexo da luz do sol na garrafa de *vodka* que ele segurava. Na outra mão, tinha uma AK-47. Um selo soviético cobria a coronha da arma e as marcas da tinta que pingara e secara pareciam rastros de lágrimas.

— Há algum problema? — perguntou o meu pai.

— Precisamos de ver a vossa identificação — ordenou o soldado, com a voz arrastada. Os rostos dos meus pais empalideceram, enquanto a minha mãe levava a mão ao porta-luvas para pegar nos nossos passaportes. Entregar a nossa identificação forneceria ao soldado a maior arma que poderia utilizar contra nós: o conhecimento dos nossos nomes. Em especial do nosso apelido, aquele que carregava o peso da ancestralidade, da etnicidade.

— Temos uma filha — disse o meu pai. — Só queremos regressar a casa.

— Jurić? — leu em voz alta. Os meus pais ficaram em silêncio. O soldado reajustou a arma, afastou os olhos. — *Imamo Hrvate!* — chamou por cima do ombro. *Hrvati*, «croatas». Apesar da sua embriaguez, consegui dizê-lo com um claro tom de desdém. Um outro soldado aproximou-se e encostou a arma à pele macia do pescoço do meu pai.

— Saíam todos — ordenou; depois, virando-se para o resto dos homens, disse: — Vão buscar os outros.

— Mamã, onde é que...

— Não sei, Ana. Fica muito sossegada. Talvez só nos queiram revistar.

O carro oscilou sobre os amortecedores corroídos enquanto descíamos dos nossos lugares. Havia-se formado uma linha de carros ao longo da berma da estrada. Mais ao longe, um grupo de prisioneiros civis fazia uma fila sobre um pedaço de relva que começava a ficar castanha, passando o peso de uma perna para a outra em movimentos desconfortáveis. Fitei-os, tentei fazer alguém olhar para mim, mas ninguém o fez. Fui arrancada dos meus pensamentos quando um soldado me bateu com a arma nas costas, lançando-me um choque de dor pela coluna.

— *Tata!* — chamei pelo meu pai, enquanto o soldado me atava os pulsos com um fio de arame farpado grosso. O soldado soltou uma gargalhada e a sua respiração fedia a álcool. Ondas de leite azedo batiam contra as paredes do meu estômago.

— Vão-se foder! Vão-se todos foder! — gritava o meu pai, lutando contra o arame que lhe prendia os pulsos. O soldado atrás dele bateu-lhe na parte de trás do joelho com o cano da AK, torcendo-lhe a perna de uma maneira pouco natural, fazendo sangue escorrer-lhe pelas calças e silenciando-o.

Avancei para junto dele, apoiei a cabeça na sua anca e, como por instinto, tentei agarrar-lhe a mão, mas o arame farpado que me envolvia os pulsos cortou-me.

— Vamos ficar bem. Só não nos podemos deixar separar — tranquilizou-me, falando baixinho. Ao seu lado, a minha mãe tremia um pouco, embora estivesse de casaco vestido. Eu deixara o meu casaco no carro, mas por alguma razão não sentia frio.

Ter-me apercebido de que os meus pais também sentiam dor e medo assustou-me mais do que qualquer outra coisa. À semelhança da força violenta da água do rio, fui inundada por pensamentos de pânico: eles iam-nos roubar o carro; íamos ser espancados; iam mandar-nos para os campos. Conduziram-nos para junto do grupo de outros prisioneiros: uma série de homens que envergavam fatos-macaco de pintor e expressões impassíveis; um casal de adolescentes que se tentava tocar e se encolhia sempre que o arame lhes cortava a pele; uma mulher com o sangue a escorrer da coxa; um homem idoso, de barba branca e sapatos ortopédicos pretos gastos. Outros.

— *Hadje!* Vamos! — vociferou o líder dos soldados. Cambaleou na direção da floresta que delimitava a estrada.

Concentrei-me em não mexer os pulsos sob o arame, observando os pés que se afundavam no mato rasteiro a cada passo. Nascida e criada numa cidade de betão, nunca antes estivera numa floresta. Era fria e cheirava a humidade, como a cave do nosso arranha-céus. O mato de vides compridas parecia agarrar-se à parte de cima dos meus ténis. Pensei em Stribor e no seu reino e desejei um vislumbre da magia do interior de um carvalho oco, um caminho para uma fuga milagrosa. À medida que nos íamos embrenhando na floresta, a luz da tarde foi sendo engolida pelas sombras.

— *Tata* — sussurrei. — Porque está tão escuro aqui?

Mas o grupo havia parado e ele não respondeu. Chegámos a uma clareira, o solo da floresta de tal modo amassado sob os saltos das botas de combate que já não restavam quaisquer plantas, apenas terra e bolotas podres. À nossa frente estavam os restos de uma fogueira extinta e um grande buraco no chão.

Atrás de mim, alguém gritou. Um dos pintores tentara correr de volta até à estrada, mas os seus passos eram desequilibrados pelos braços atados atrás das costas. Um soldado depressa o apanhou e, depois de ter levado com a espingarda nas pernas, o homem caiu

de joelhos. O soldado puxou o homem pelo cabelo, abanando-lhe a cabeça de um lado para o outro, numa inclinação não natural, antes de o deixar cair de novo. O homem ficou deitado na terra, e o soldado limpou os cabelos da mão antes de inclinar o punho da espingarda e desferir um golpe rápido na parte de trás da cabeça. Vi um sangue pastoso e uma cova onde costumava haver osso.

— Mais alguém? — perguntou o soldado. Os seus dentes eram castanhos.

Os soldados alinharam-nos numa fila única. Empurraram e bateram. Se alguém não se mexia, atacavam. Arquearam a fila numa curva perfeita em redor do fosso.

Da primeira vez, o som que saiu da AK não parecia um tiro; assemelhava-se mais a uma gargalhada. Quando a primeira vítima desabou sobre si mesma e caiu no vazio, sustivemos a respiração em unísono. Durante alguns segundos, um minuto até, não aconteceu nada. Depois mais um tiro, e o homem ao seu lado, outro dos pintores, caiu.

Testemunhar a morte daqueles homens ensinou aos restantes duas coisas: iam fazer aquilo devagar e iam seguir da esquerda para a direita. Aquela não era a maneira mais eficiente de matar pessoas. Mas também não era a menos eficiente. Era um bom treino de pontaria para os novos recrutas e suficientemente lento para deixar os prisioneiros em pânico. Não fazia grande porcaria; podia até ser sangrenta, talvez, mas, uma vez caídos, já estavam enterrados.

O meu pai baixou os olhos na minha direção, depois ergueu-os para a minha mãe, ao seu lado esquerdo. Vi a boca contorcer-se-lhe quando afastou os olhos dos dela e, de seguida, falou comigo num sussurro forte:

— Ana... Ana, ouve-me — disse, ao som de um tiro. — Vamos fazer um jogo, está bem? Vamos enganar os guardas —, outro tiro. — Eles estão embriagados... será fácil, se prestares atenção. Tudo o que tens de fazer é ficar junto a mim, muito pertinho... — mais um tiro. — Depois, quando eu cair para o buraco, cais ao mesmo tempo. Fecha os olhos e mantém o corpo direito —, um tiro. — Mas não irá resultar a menos que caíamos ao mesmo tempo, está bem? — mais um tiro. — Compreendes? Não! Não olhes para mim.

Não compreendia o que estava a acontecer. Como podíamos enganar os guardas para que não disparassem sobre nós? Mas o meu pai parecia certo de que se caíssemos ao mesmo tempo, ficaríamos bem, e ele tinha sempre razão.

— A mamã também vai cair connosco? — perguntei, ao som de mais um tiro.

— Não, ela... — a voz quebrou-se-lhe. — Ela vai primeiro.

Olhei para a minha mãe, vi como o meu pai a fitava, como algo nas suas íris se extinguiu.

— Ana! — a sua súplica era agora muito mais ríspida, frenética. — Ouve! Depois de cairmos tens de ficar absolutamente quieta e esperar até que tudo fique silencioso. Depois, sairemos juntos. Está bem? Lembra-te... — ouvimos mais um tiro. A minha mãe oscilou na orla da cavidade lamacenta. Um ponto carmesim surgiu-lhe na curva do lábio e deslizou-lhe pelo queixo. Pareceu pairar, como se o fizesse de propósito, aterrando em silêncio e não com o som abafado dos outros antes dela.

Senti-me gritar quando me apercebi do que tinha acontecido. Outro tiro, um que ecoou. Esperei, olhei para o meu pai. Depois, sustive a respiração e caí.

Estava escuro e pegajoso e cheirava a suor e mijo. Virei a cara para o lado para poder respirar. Algo pesado caiu-me sobre as pernas, mas sentia-me distante do meu corpo e não me conseguia mexer. Concentrei-me apenas no canto da minha *t-shirt*, outrora branca, vendo-a ficar progressivamente ensopada com o sangue de outras pessoas. Costumava pensar que todas as linguagens eram símbolos, que uma vez aprendido outro alfabeto, era possível converter as palavras estranhas numa linguagem com sentido, em algo reconhecível. Mas o sangue formava um padrão semelhante a um mapa para a compreensão e percebi todas as diferenças de uma só vez. Compreendi como uma família podia acabar no chão e outra podia ser autorizada a seguir viagem, que as distinções entre sérvios e croatas iam muito além da forma como escreviam cartas. Compreendi os ataques à bomba, as tardes sentada no chão de minha casa, com panos negros a tapar as janelas, as noites passadas em salas de betão. Compreendi que o meu pai nunca mais se iria levantar. Por isso, esperei, sentindo a cabeça leve, a girar, e as pálpebras pesadas. Até que, perante o fedor do velho medo e os primeiros sinais de corpos em decomposição, recuperei os sentidos.

— Não te preocupes com isso. Vamos mandar vir um buldózer de Obrovac — ouvi dizer o líder dos soldados. Os corpos à minha volta estavam a arrefecer, começando a assumir a forma rígida da carne morta. O meu coração batia descompassado, o pânico corria pelo

meu pescoço. Mas os soldados obedeceram às ordens e fiquei à escuta enquanto os ecos dos passos desapareciam; permaneci imóvel até estar certa de que os ouvira ligar os jipes.

— *Tata* — disse. Já sabia, mas, ainda assim, aproximei-me e toquei-lhe no ombro com o meu ombro. — *Acorda* —, supliquei. Tinha os olhos fechados com força, como se estivesse a contar para jogarmos às escondidas, mas havia sangue (no seu pescoço, nos lábios, nas orelhas). — *Acorda!*

Não conseguia respirar. Tentei mexer-me, mas as minhas pernas estavam presas debaixo da pessoa que caíra ao meu lado, um adolescente a quem haviam estoirado a parte de trás da cabeça. O peso do seu corpo tornava tudo pior. Tinha a certeza de que ia sufocar e esperneei loucamente, tentando tirá-lo de cima de mim. As minhas mãos continuavam atadas e lutei para me sentar. Depois, usando os cadáveres como degraus, saí do buraco.

Puxei os pulsos para fora do arame — com a mão fechada, libertei-a num gesto violento e rápido e desenrolei o arame farpado; depois, libertei a outra. Pedacos da minha pele ficaram agarrados às farpas do arame. O sangue escorria veloz em direção à ponta dos dedos. Não nos tínhamos embrenhado muito na floresta, e segui as pegadas das botas até à estrada. Os soldados tinham deixado a árvore caída, mas haviam levado consigo os sacos de areia e incendiado os carros. Vi o esqueleto carbonizado do que acreditava ter sido o nosso carro, apontando numa direção como uma seta gigante, e decidi continuar na direção que estávamos a seguir para casa.

Parecia importante continuar a andar, mas as minhas pernas estavam rígidas do choque e o caminho à minha frente parecia-me uma miragem. Movia-me com uma lentidão dilacerante. A noite deu lugar à madrugada, embora não me tivesse apercebido da mudança até esta já ter passado, como se fosse uma sonâmbula que a luz do sol acordara. As sombras estavam a diminuir quando cheguei aos arredores de uma aldeia, sob o brilho de uma nova manhã.